

Paralfaletrar o Brasil, Alfalendo a Palavramundo: práticas de leitura e escrita na alfabetização

Juliano Guerra Rocha¹

Ilsa do Carmo Vieira Goulart²

Encontrando as chaves

Em maio de 2023, o Ministério da Educação (MEC) e o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) divulgaram uma pesquisa que demonstrou o nível de alfabetização de crianças matriculadas no 2º ano do Ensino Fundamental nas escolas públicas brasileiras. Os dados alertam que 56,4% dessas crianças não estão alfabetizadas (INEP/MEC, 2023). Isso alarma, ainda mais, quando voltamos nosso olhar para dentro das escolas, especialmente naquelas localizadas nos bairros das periferias, no meio rural e nas comunidades mais afastadas dos centros urbanos. Ali, mas não apenas ali, em tantos outros locais, há um número expressivo de Joões, de Marias, de crianças com nomes e sobrenomes que são apagadas nas estatísticas, mas estão presentes na sociedade, estão matriculadas nas escolas e não dominam a leitura e a escrita. As dificuldades dessa escola do presente em alfabetizar se avolumam com as dificuldades históricas da garantia de que todos/as, sem distinção, sejam alfabetizados/as.

Nesse momento, é imprescindível que nós, que nos ocupamos em pesquisar, estudar e vivenciar a alfabetização no Brasil, reflitamos: O que fazer? E como fazer?

Daí o nosso convite, nesse dossiê e para essa apresentação: Vamos juntos/as encontrar as chaves? E de quais chaves estamos falando?

Consideramos que alfabetizar não é um segredo, não é um enigma, tampouco algo que ainda precise ser desvendado. Ao longo dos anos, na história da alfabetização, diversas teorias, sob enfoques diferentes, procuraram explicar como as crianças se apropriam do sistema de escrita alfabética. Mesmo com dissonâncias entre os aportes teóricos, muito já se sabe. Claro que, ao afirmarmos tal ponto, não desconsideramos o muito que ainda precisamos pesquisar e compreender, sobretudo no contexto de uma “cultura escrita digital”³ e nos meandros do pós-

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora

² Universidade Federal de Lavras

³ Sobre essa terminologia e outras acerca da cultura digital, sugerimos a leitura da obra *Termos e ações didáticas sobre cultura escrita digital: Nepced na escola*, organizada pelas Professoras Mônica Daisy

pandemia da Covid-19 etc. Todavia, já temos acumulado vários saberes científicos e experiências bem-sucedidas de uma alfabetização com qualidade e de equidade. Partindo desse princípio, a chave estaria logo à nossa disposição para abriremos *todas as portas alfabetizadoras* e conseguirmos fechar *as portas dos analfabetismos*.

E por que ainda não conseguimos? Ou, realmente, não conseguimos?

Acreditamos que em vários locais do país já conseguimos, sim, encontrar as chaves e temos muito a aprender com eles/as. Contudo, em outros locais, infelizmente, não. Para tanto, buscamos, aqui, tratar de uma *chave alfabetizadora*, uma possibilidade para pensarmos e repensarmos o processo de alfabetização e letramento das crianças das camadas populares, nas escolas públicas. Essa chave se encontra no Projeto Alfalettrar desenvolvido na Rede Municipal de Lagoa Santa, em Minas Gerais. Claro que, ao evidenciarmos esse Projeto, não desconsideramos que há muitas outras experiências inovadoras e de sucesso pelas redes públicas do país. Eleger uma experiência não significa menosprezar outras! É somar esforços para que, colaborativamente, possamos divulgar ações e avançar numa proposta democrática de escola e de alfabetização para todas as pessoas.

Neste dossiê, um dos 23 artigos que compõem a 50ª edição da *Revista Linha Mestra* reproduz o profícuo e prazeroso diálogo que nós, organizadores, mantivemos com a Professora Janair Cassiano, coordenadora do Núcleo de Alfabetização e Letramento do Projeto Alfalettrar. Essa conversa foi muito inspiradora e nos incitou de maneira profunda acerca da nossa responsabilidade pela alfabetização no Brasil. Dessa forma, trazemos algumas reflexões sobre o que intitulamos de “*Paralfalettrar o Brasil, alfalendo a palavramundo*”.

Os termos *Paralfalettrar* e *Alfalendo* nomeiam duas exposições que ocorrem em Lagoa Santa, no âmbito do Projeto Alfalettrar, criado por Magda Soares e as Professoras desse município; projeto esse divulgado em sua última publicação⁴ e nas diversas *lives*, palestras, entrevistas concedidas por essa grande Mestra, que nos deixou no dia 01 de janeiro de 2023.

O *Paralfalettrar* é uma exposição com a produção das Alfabetizadoras, são jogos e materiais expostos, dentre outros, utilizados para alfabetizar e letrar as crianças; já o *Alfalendo* é uma outra exposição, com vivências e materiais literários construídos pelos/as estudantes, a partir da mediação pedagógica das Professoras. Eis, pois, aí, a *chave* para essa reflexão e para pensarmos nas muitas *portas alfabetizadoras*, que devemos ainda abrir nesse Brasil agora!

Vieira Araújo, Isabel Cristina Alves da Silva Frade e Ludymilla Moreira Moraes (ARAÚJO; FRADE; MORAIS, 2022).

⁴ Magda Soares. **Alfalettrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

A chave não está, já advertimos de antemão para não correremos o risco de uma leitura equivocada e apressada, nas exposições propriamente, mas no que elas nos estimulam a pensar. Vejamos!

Paralfaletrar o Brasil é necessário investirmos no desenvolvimento profissional das Alfabetizadoras, nas trocas de experiências entre elas, num tempo com/de oficinas em que todos/as nós, na Universidade e na Escola, possamos colocar a mão na massa, repensando teoricamente as práticas alfabetizadoras e pensando, na prática, as teorias de alfabetização. Nesse fluxo contínuo e ininterrupto entre teoria e prática para alfalettrar, as Professoras se apropriam de teorias de como a criança aprende a língua escrita e de propostas para a garantia de uma “alfabetização com método”⁵.

É necessário “alfabetizar com método”, como nos ensinou Soares⁶⁷, não para defendermos um método específico, muito menos no ecletismo de metodologias, mas de pensarmos caminhos, a partir do como as crianças aprendem, para ensinar a leitura e a produção de textos. A exposição *Paralfaletrar* nos ensina justamente isso, as Professoras tornam-se autoras de suas práticas, utilizando materiais autorais e diversificados para garantia dos direitos de aprendizagem às crianças. Conhecendo bem os caminhos que as crianças percorrem para se alfabetizarem, elas delineiam o seu itinerário pedagógico, trocam experiências e aprendem colaborativamente.

Acreditamos que, *paralfaletrar* o Brasil, são indispensáveis Professoras Alfabetizadoras e Gestores/as que conheçam seu ofício, compreendam teorias e práticas de alfabetização e letramento e sejam capazes de “orientar a criança por meio de procedimentos que, fundamentados em teorias e princípios, estimulem e orientem as operações cognitivas e linguísticas que progressivamente a conduzam a uma aprendizagem bem-sucedida da leitura e da escrita em uma ortografia alfabética”⁸.

Já o segundo termo que intitula esta apresentação, *alfalendo a palavramundo*, remonta aos/às estudantes. Ao exporem suas produções em Lagoa Santa, as crianças leem e escrevem o mundo ou, melhor dizendo, os seus mundos e outros mundos. Vão sendo conduzidas pela literatura e pelos livros literários a outros universos, mediadas pelas Professoras. Conhecem a si mesmas e as outras pessoas, suas identidades, subjetividades são desveladas nas letras, palavras, nos muitos textos escritos por elas e por outros/as escritores/as.

⁵ Magda Soares. **Alfabetização**: a questão do método. São Paulo: Contexto, 2016.

⁶ Magda Soares. **Alfabetização**: a questão do método. São Paulo: Contexto, 2016.

⁷ Magda Soares. **Alfalettrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

⁸ Magda Soares. **Alfabetização**: a questão do método. São Paulo: Contexto, 2016, p. 331.

Alfalendo é um gerúndio derivante do neologismo *alfaler*, formado pela junção do radical do verbo alfabetizar e/ou da ação decorrente dele, alfabetização, mais o verbo ler. Verbos no gerúndio indicam ações que são e estão sendo continuadas e, por isso mesmo, de certa forma, encontram-se em andamento. Esse verbo convida a uma percepção não estática dos processos de alfabetização e letramento, refletindo sobre as ações que precisam tornar-se, permanentemente, contínuas para alfalettrar as crianças.

O complemento do verbo *alfalendo* no título é o termo *palavramundo*, utilizado por Paulo Freire⁹. A junção de palavra e mundo reflete a questão da união da “leitura da palavra” e da “leitura de mundo”, proposta pelo autor. Uma não se sobrepõe a outra, mas devem se unir para constituir os processos de uma alfabetização conscientizadora e emancipatória. Na leitura da *palavramundo* se compreende a inteireza dos espaços e de suas possíveis leituras, dominamos pelas palavras e com elas os mundos que habitamos, sabedores/as do que somos, numa constante percepção crítica. Essas palavras, parafraseando Freire, estão *grávidas de mundos*.

Alfalendo a Palavramundo, crianças se apropriarão de seus direitos de ler e escrever a palavra e seus mundos, serão leitoras e escritoras de suas próprias palavras, mobilizando-se para ações de “outros mundos possíveis”, tal como Conceição Evaristo¹⁰ propõe, de modo a repensar o tempo presente e o *modus vivendi* desse mundo capitalista.

Abrindo as portas

Diante da possível *chave alfabetizadora* apresentada anteriormente, os 23 textos que compõem este dossiê acerca das práticas de leitura e escrita na alfabetização nos auxiliam e dialogam, também, para abriremos *portas alfabetizadoras*. Eles dimensionam aspectos diversos para compreendermos os debates atuais acerca das práticas pedagógicas de leitura e escrita no contexto escolar brasileiro. Sob enfoques e concepções teórico-metodológicas plurais, os artigos nos auxiliam a responder: O que fazer para promover o aprendizado inicial da leitura e da escrita no âmbito escolar? Como fazer?

⁹ FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

¹⁰ Essa fala de Conceição Evaristo foi parte de sua conferência no 52º Festival de Inverno da Universidade Federal de Minas Gerais, em *live* que ocorreu no dia 17 de setembro de 2020. Parte de sua fala está transcrita no link: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/para-projetar-mundos-possiveis-e-preciso-repensar-o-tempo-propoe-conceicao-evaristo>. Acesso em: 19 jul. 2023.

Nessa direção, o leitor e a leitora encontrarão 6 (ou mais) possíveis portas alfabetizadoras. Ou seja, organizamos os **23 artigos** agrupando-os em **6 eixos**, devido às aproximações entre suas temáticas.

Problematizando, propriamente, **o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita**, os primeiros textos tratam de experiências pedagógicas e estratégias/procedimentos didáticos para alfabetização, abrangendo debates sobre a sua faceta linguística, sem perder de vista as facetas interativa e sociocultural, propostas em Soares¹¹. Nessa direção seguem os seguintes artigos:

- 1) “Procedimentos de ensino-aprendizagem na alfabetização”, de Regina Aparecida Correa e Sara Mourão Monteiro;
- 2) “Ensino da leitura: práticas de Professores em turmas do 3º ano do Ensino Fundamental”, de Cynthia Danielli de Araújo Silva, Ana Cláudia Rodrigues Gonçalves Pessoa;
- 3) “Estratégias de compreensão e interpretação textual: um relato de experiência de leitura de textos de divulgação científica em uma turma do ciclo de alfabetização”, de Simone Regina Pinto Pereira e Daniela Freitas Brito Montuani;
- 4) “Leitura: tecendo diálogos sobre a formação de leitores”, de Mauriceia Silva de Paula Vieira e Flavia Cristina de Araujo Santos Assis.
- 5) “Produção escrita na alfabetização: uma proposta para além das palavras”, de Joselma Silva e Ilsa do Carmo Vieira Goulart.
- 6) “Consciência silábica em teste diagnóstico do PROAJA – Piauí”, de Raquel Márcia Fontes Martins, Gladys Agmar de Sá Rocha e Luciana Neves Franco Freire.
- 7) “Quem é Flicts? Mediação de leitura e temática da inclusão em textos de crianças do 3º ano do ensino fundamental”, de Lorena Bischoff Trescastro, Vania Maria Batista Sarmanho, Cilene Maria Valente da Silva, Lúcia Cristina Azevedo Quaresma e Simone de Jesus da Fonseca Loureiro.

Na sequência, o leitor e/ou a leitora irá se deparar com discussões em torno das **práticas de leitura e escrita na alfabetização em meio às questões da cultura escrita digital e das tecnologias digitais**. Os dois textos subsequentes analisam recursos didáticos e tecnológicos e suas potencialidades no desenvolvimento de habilidades linguísticas e cognitivas das crianças em processo de alfabetização, na Educação Infantil e nos Anos Iniciais:

- 8) “Implementação de práticas leitoras através de mesa educacional digital em rede pública de ensino”, de Julianna Silva Glória e Ghisene Santos Alecrim.

¹¹ Magda Soares. **Alfabetização: a questão do método**. São Paulo: Contexto, 2016.

9) “Desafios e possibilidades no uso das TDIC nas práticas de alfabetização em tempos de pandemia”, de Dedilene Alves de Jesus Oliveira e Caroline Mariane Ferreira de Almeida.

O próximo bloco de textos busca examinar a **formação inicial e continuada das Professoras Alfabetizadoras e o desenvolvimento de práticas de ensino de leitura e escrita na alfabetização**. As autoras e os autores, a seguir, dialogam sobre aspectos históricos e pedagógicos de propostas formativas em diversos locais do país, enfatizando, pela voz e com a voz de Professoras em formação ou já atuantes nas redes de ensino, as muitas possibilidades para alfalettrar. Nessa direção são seis textos:

10) “Magda Soares em Lagoa Santa/MG e o Projeto Alfalettrar”, de Janair Cândida Cassiano, Juliano Guerra Rocha e Ilsa do Carmo Vieira Goulart.

11) “Rotação por estações na alfabetização: desafiar a imaginação pedagógica na formação docente”, de Patrícia Camini.

12) “Saberes e fazeres docentes em torno do letramento e da alfabetização no curso de Pedagogia do IFG Goiânia Oeste”, de Suzana Lopes de Albuquerque e Dayanna Pereira dos Santos.

13) “Itinerários formativos: história de leitores entre veredas e horizontes”, de Keila Matida Melo.

14) “Um professorar alfabetizador e o cuidado de si”, de Ana Maria Xavier da Silva Neta, Monica Silva Aikawa, Mônica de Oliveira Costa e Caroline Barroncas de Oliveira.

15) “Práticas de Leitura Deleite e suas contribuições para a formação de alfabetizadores: experiências do PNAIC em foco”, de Rodrigo da Silva Guedes, Nathália Cristina Amorim Tamaio de Souza e Mellina Silva.

A **mediação pedagógica nas práticas de leitura e escrita na alfabetização** é a temática que orienta os três textos seguintes, que interrogam sobre a ação da Professora no processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita:

16) “Intervenções na aprendizagem da escrita: uma experiência no Programa Residência Pedagógica”, de Paula Cristina de Almeida Rodrigues e Sabrina Ribeiro.

17) “As pesquisas de intervenção e o Programa de Escrita Inventada na alfabetização de jovens e adultos”, de Juliane Gomes de Oliveira e Francisca Izabel Pereira Maciel.

18) “A alfabetização freireana e discursiva na prática de mediação escolar”, Mitsi Pinheiro de Lacerda e Lúcia Viana Silva.

Problematizando os **materiais didáticos no processo de alfabetização**, os próximos dois textos colocam foco sobre o livro didático e outros artefatos que contribuem ou não para

uma prática democrática e inclusiva de ensino de leitura e escrita na Educação Infantil e as classes de Alfabetização:

19) “Material didático de alfabetização para estudantes imigrantes e refugiados na educação básica: uma proposta a partir do ensino de português como língua de acolhimento”, de Carina Fior Postingher Balzan, Cristina Bohn Citolin, Júlia Sonaglio Pedrassani e Alissa Turcatti Correio.

20) “Livro didático na Educação Infantil: o que dizem as professoras que fazem uso do *Porta Aberta* (PNLD 2022)”, de Debora Djully Gomes da Paz, Maria da Conceição Lira da Silva e Eliana Borges Correia de Albuquerque.

Os quatro últimos textos abordam, de maneira sensível e articulada com perspectivas literárias e pedagógicas, a questão do livro, da leitura, da literatura, do ler e escrever como direitos inquestionáveis e inegociáveis no âmbito da sociedade e das escolas públicas. Convidam os leitores e as leitoras a se responsabilizarem com esses direitos humanos não como ações de benevolência ou caridade. Abordando **as sensibilidades das/nas práticas de leitura e escrita**, temos os artigos:

21) “Sobre Literatura e Direitos Humanos”, de Diane Valdez.

22) “Leiturescrita – lescrever: caminhos para uma alfabetização humanizadora”, de Ana Maria Esteves Bortolanza e Cíntia Resende Corrêa.

23) “A andragogia como ferramenta na Educação de Jovens e Adultos”, de Márcia Cicci Romero, Maria Cristina Santos de Oliveira Alves e Sônia Maria dos Santos.

Advertências finais

Por fim, prezado leitor e prezada leitora, ao darmos ênfase, no início deste texto, às Alfabetizadoras e estudantes, não desconsideramos que *paralfaletrar o Brasil, alfalendo a palavramundo*, faz-se necessário que tenhamos políticas públicas de alfabetização sérias. Governos sérios, nas diferentes instâncias, empenhados em garantir o direito, não apenas ao acesso à escola, mas a que as crianças, jovens e adultos/as tenham sucesso nessa trajetória. Estamos desejosos/as de novos tempos, de respeito e seriedade com a educação pública brasileira!

Não menos importante, nós, pesquisadores/as do campo da alfabetização, temos uma grande responsabilidade. É “tempo de nos aquilombar”, como Conceição Evaristo ensinou, de nos reunir, formar coletivos em prol de um mesmo ideal! Afinal, “ainda que reconhecendo

múltiplos SABERES e múltiplos FAZERES, não nos fecharmos excessivamente cada um, cada grupo, na sua certeza, mas juntarmos as nossas certezas para realizarmos o nosso QUERER para a alfabetização”¹².

E, nesse 2023, que vai se erguendo e nos vindouros anos, ensinamos que novos tempos se avultem e que possamos, sim, respirar aliviados/as e cirandar:

“Quero a utopia, quero tudo e mais
Quero a felicidade nos olhos de um pai
Quero a alegria muita gente feliz
Quero que a justiça reine em meu país
Quero a liberdade, quero o vinho e o pão
Quero ser amizade, quero amor, prazer
Quero nossa cidade sempre ensolarada
Os meninos e o povo no poder, eu quero ver!”
(Coração Civil – Milton Nascimento).

¹² Magda Soares. Alfabetização: o saber, o fazer, o querer. *In*: MORTATTI, M. R. L.; FRADE, I. C. A. S. (org.). **Alfabetização e seus sentidos**: o que sabemos, fazemos e queremos? Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Editora UNESP, 2014, p. 35.